

O PLANETA ÁGUA

ALGUNS NUMEROS E ALGUMAS QUESTOES CONTROVERTIDAS SOBRE A AMAZONIA

Carlos Rodrigues Brando(*)

A FLORESTA UMIDA: IMENSA E FRAGIL

Quando depois de viajar dos Andes ao Atlântico o Rio Amazonas desagua um pouco abaixo da linha do Equador, ele abre um estuário de cerca de 400 kms. onde abriga dezenas de ilhas sedimentares, planas e sujeitas a inundações. A maior delas tem 47.964 km². Um pouco mais do que 20% de todas as águas doces do planeta estão concentradas nesta bacia, cujas terras e águas envolvem 6.500.000 km² de territórios da Bolívia, do Peru e do Equador, da Colômbia e da Venezuela, da Guiana Inglesa e do Brasil, onde a Amazônia Legal* mede 4.787.717 km².

A Amazônia brasileira abrange 538.000.000 ha. Deles 396.000.000 ha. são de florestas das terras úmidas, dos bosques inundáveis e do emaranhado de selvas, igarapés* e lagos permanentes ou de inundações. Apenas 142.000.000 ha. estão

compostos de formações florestais de terras firmes.

A Amazônia é um ecossistema de dimensões continentais, aparentemente resistente, mas na verdade frágil e não recomponível. Entre o mar de águas doces dos seus rios, lagos

e uma imensa floresta de terras planas, dotada de uma biodiversidade inimaginável e ainda muito pouco conhecida, existe um solo fértil apenas enquanto a própria floresta que dele nasce e que o regenera continuamente estiver intacta. Ele oscila entre mais de um e pouco menos de dois metros de profundidade, de uma úmida matéria resultante da acumulação de sedimentos fluviais e a decomposição de folhas, ramos e outros organismos e fragmentos de vida vegetal e animal devolvidos à terra. Juntos, os sedimentos vindos com as águas e os sedimentos da própria floresta geram cerca de 500 toneladas de biomassa por ha. Mas os restos decompostos da degradação orgânica da floresta representam entre 75% e 90% da substância ali disponível como nutriente de tudo o que é vivo na floresta. É simples compreender que nestas condições, extinta a floresta, os resíduos da sedimentação fluvial não são capazes de regenerar a fertilidade do solo.

A Floresta Amazônica representa cerca de 30% das florestas



úmidas da Terra e não são hoje mais do que 7% de toda a extensão de terras e águas do planeta. Mas esta relativa pequena extensão proporcional abriga perto de 80% das espécies ainda vivas em nosso mundo. São perto de 20.000.000 de espécies, muitas delas em processo de desaparecimento cada ano e muitas outras ameaçadas do mesmo destino, nos próximos 20 anos. De acordo com Thomas Lovejoy, "estão na Amazônia quase um terço dos estoques genéticos do mundo"(1)

AS CONTAS DE UMA MORTE ANUNCIADA

Em um Seminário realizado em Belém do Pará e encerrado no dia 21 de fevereiro, sobre "Pobreza, Meio Ambiente e Desenvolvimento", o ecólogo norteamericano Philil Fearnside apresentou dados segundo os quais pelo menos 70% dos desmatamentos de toda a Amazônia brasileira devem ser creditados a grandes proprietários rurais estabelecidos recentemente na região. De acordo com este ganhador do Prêmio Global 500 dado pela ONU em 1991, não é sequer um interesse de estabelecimento de uma agricultura ou uma pecuária prósperas o que provoca uma tal destruição; é, antes, o puro e simples desejo de aumentar o valor da terra bruta, a curto prazo e com um mínimo de gastos. Isto se deve a uma política desastrosa de "desenvolvimento da Amazônia", posta em marcha desde os governos militares, nos anos 60 e que somente hoje, cerca de 25 anos depois, começam a ser precariamente revistas. Esta "Operação Amazonas" favorecia grandes proprietários de terras ao Sul, grandes empresas nacionais e internacionais, seja com a

isenção incentivada de impostos, seja com financiamentos muito favoráveis. A contraparte deveria ser a implantação imediata de uma "empresa agropastoril" em alguma área da "Amazônia Legal" e a evidência de uma aplicação produtiva da região. Ora, desde sempre a forma mais direta e fácil de realizar esta evidência é o desmatamento indiscriminado, quase sempre por meio de imensas queimas da floresta. A floresta destruída e a sua substituição por campos de pastagens com tipos de capim* não nativos e não adaptados ao clima e ao solo da região, não somente demonstravam ao Governo a realização de um projeto agropastoril dentro de sua política de ocupação e desenvolvimento da floresta, como tornavam a terra "ociosa" em uma área bastante mais valorizada(2).

Somemos a isto as incontáveis intervenções de empresas de prospecção de minérios e de petróleo, as madeireiras nacionais e internacionais, a abertura não criteriosa-

mente planejada de grandes rodovias de penetração em território da floresta, a construção de grandes hidroelétricas, e teremos aí a cifra da quase totalidade dos interesses e das instituições capitalistas cuja ação degrada uma floresta que ao mundo inteiro importa preservar(3).

O que se deve colocar em questão é a maneira como então até hoje isto tem sido posto em prática. A abertura de grandes estradas implantadas, como a Belem-Brasília, ou de novo devoradas pela floresta, como a Transamazônica, juntamente com os projetos oficiais e particulares de colonização agrária e mais descoberta de metais preciosos em um tempo em que as pressões sociais decorrentes do empobrecimento de um número sempre crescente de pessoas e famílias, muitos deles expulsos de terras ou do trabalho produtivo no Sul do país ou do Nordeste, provocou um deslocamento populacional muito grande e indevido. Apenas a área de influência da rodovia Belem-Brasília passou de 100.000 para 2.000.000 de pessoas entre 1960 e 1970. Rondônia teve a sua população multiplicada por cinco em menos de 20 anos. Disputando a riqueza do sub-solo com as grandes mineiradoras e invadindo muitas vezes terras indígenas, lavras de milhares de garimpeiros* abrem clareiras e misturam mercúrio às águas dos rios de Serra Pelada ao extremo Norte, na fronteira com a Venezuela, em pleno território Ianomami*. Cálculos nem sempre precisos estimam entre 600 e 800 mil os garimpeiros na região amazônica. A produção oficial de ouro na Amazônia beira 35 toneladas anuais. No entanto calcula-se que a produção real não deve ser menor do que cerca de 120 toneladas-ano, o que corresponde a 10% do produto interno bruto de toda a Amazônia brasileira.

GLOSSARIO

*Amazônia Legal: Toda a área considerada no Brasil oficialmente como constituinte da Amazônia.

*Igarapés: braços de rios imensos ou pequenos rios. Em geral águas muito limpas e áreas de uma imensa biodiversidade (não olvidar que na Amazônia o Ulla ou o Tambe son menos que um Igarapé).

*Capim: erva, alimento do gado.

*Garimpeiros: buscadores artesãos de ouro ou de pedras preciosas. Vivem hoje em dia relações muito conflituosas porque muitas vezes invadem terras dos povos indígenas.

*Ianomami: nome de uma tribo indígena do extremo Norte do Brasil. Um dos últimos povos exclusivamente caçadores e colectores em todo o mundo.

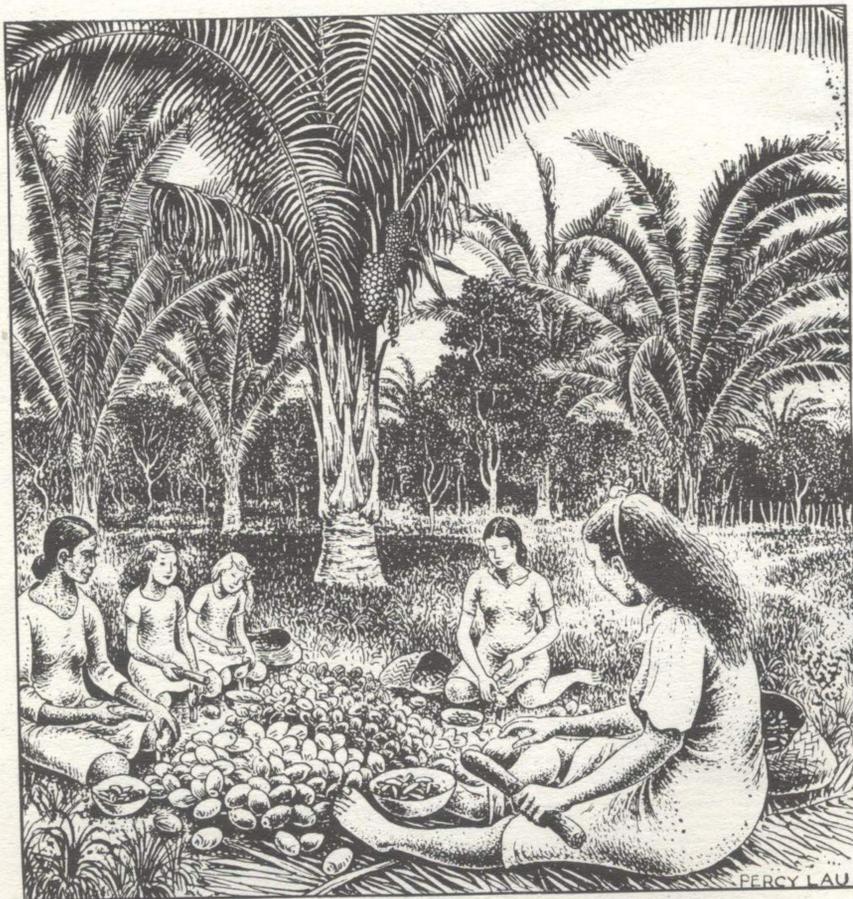
*Garimpos: sítio onde se descobrem ouro ou pedras preciosas



Mas os danos causados pela presença desta rede múltipla e errante de garimpeiros pobres, espalhados de Rondônia a Roraima, extremos Sul e Norte da grande floresta, são pequenos ainda, quando eles são comparados com o poder de destruição irreparável das grandes empresas de extração de riquezas naturais e de expansão da pecuária bovina, entre as quais uma boa parte da Amazônia brasileira foi loteada.

Apenas no rio Madeira, um dos afluentes do Amazonas, existem cerca de 7.000 dragas e outros engenhos de busca de ouro que lançam no rio 50.000 litros de resíduos de óleo combustível e cerca de 150 kgs. de mercúrio. Este é apenas um entre os muitos rios que há menos de 20 anos eram das águas mais naturalmente limpas do planeta e que agora morrem aos poucos e, segundo alguns especialistas, de uma maneira irreversível.

Se estes são os números do que se joga no Madeira entre resíduos altamente poluidores por dia, o que não será atirado no rio Tapajós,



onde se estima em 22.000 o número de garimpos*?. Até onde existem estudos sobre o destino destes buscadores pobres de riqueza fácil, não existe nenhuma indicação de que o encontro de quantidades muito grandes de metais preciosos em muitas áreas da Amazônia tenha representado sequer uma melhoria relativa na qualidade de vida das famílias dos milhares de garimpeiros, muitos deles mortos pelos riscos do trabalho ou pelas enfermidades da floresta, todos

os anos. Também para o Brasil este exaurimento acelerado, com grandes danos ao ambiente, com a invasão de terras indígenas e com o sofrimento de seus trabalhadores pobres, parece representar um ganho irrisório.

(*) CARLOS RODRIGUES BRANDAO é Antropólogo e professor do Dpto. de Antropologia da Universidade Estadual de Campinas (Brasil)

NOTAS E BIBLIOGRAFIA

(1) Esta citação foi tomada da página 40 do artigo de Washington Novaes: "Amazônia, Certezas e Ilusões", publicado no número de novembro / dezembro de 1991 de *Nossa América*. A revista é editada em São Paulo e é uma publicação bi-mensal do Memorial da América Latina. Em vários outros momentos deste artigo farei referências ao mesmo oportuno trabalho de Washington Novaes.

(2) Notícia do *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro, na edição de 27 de fevereiro de 1992.

(3) Uma síntese de informes e comentários sobre os malefícios dos grandes projetos oficiais na Amazônia brasileira, pode ser encontrado no nº2 de *Amazônia 90*, intitulado: "Grandi Progetti", editado pela Rete Radie Resch, da Itália, sob responsabilidade de Enzo Melegari e Didì Pornbacher.